

PSICO
LOGIA
GOE
THIANA

ANTONIO MARQUES

PSICO
LOGIA
GÖE
THIANA

PROJETO DE SOCIEDADE
QUE TODOS QUEREMOS

a mudança começa comigo



PSICOLOGIA GOETHIANA

Copyright © 2016 de Antonio Marques.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução de parte ou do todo,
qualquer que seja a forma.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por
qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação,
e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

DIREÇÃO EDITORIAL: Júlia Bárány
REVISÃO DE TEXTO: Barany Editora
CAPA E PROJETO GRÁFICO: Lumiar Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Elaboração: Jaçanã E. Pando CRB 10/1936)

Livro para ser Livre

Todos os direitos desta edição reservados à
Barany Editora © 2016
São Paulo - SP - Brasil
contato@baranyeditora.com.br

Ao
príncipe *Kaspar Hauser*.

“Ó, homem, conhece-te a ti mesmo.”¹

“O ser humano só conhece a si mesmo na medida
em que conhece o mundo.”²

GOETHE

1. Sentença no pórtico do oráculo de Delfos, na antiga Grécia.

2. Goethe, 2012, p.102.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO

Advertência
Confederação do Reno
O pensamento moderno
O enigma do mal
Penso, logo existo?
Sinto, logo existo!
Teoria do conhecimento
Ética e moral
Consciência moral
Platônicos *versus* aristotélicos

2. PSICOLOGIA HUMANA

A criação humana
Alma e espírito
As três qualidades anímicas
Pensar com o coração
Eu sou o *Eu sou*
A iniciação antiga
A trágica iniciação de Édipo
A iniciação pós-moderna

3. PSICOLOGIA GOETHIANA

Cartas Estéticas
Filosofia da Liberdade
Os três poderes

Hy Breazil
Juiz de Fora
Philadelphia

Epílogo
Bibliografia

The page features a light gray background with several horizontal bars of varying lengths and positions, creating a layered, architectural effect. The bars are distributed across the page, with some appearing at the top and others at the bottom, framing the central text.

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO

ADVERTÊNCIA

A *Psicologia goethiana* não existe como especialidade terapêutica constituída dentro da Psicologia clássica e nem foi criação de Goethe. Esse termo foi criado por Rudolf Steiner (1861 – 1925) para justificar a influência de Goethe sobre Schiller, quando este escreveu suas *Cartas Estéticas*, como se pode ver no livro *Ensayos de Ética*³, de Rudolf Steiner:

“Nas Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade, Schiller, – evangelho do homem liberto das barreiras do imperativo da natureza e da necessidade lógica da razão – lemos a fisionomia ética e religiosa de Goethe. Estas cartas podem ser caracterizadas de *psicologia goethiana* inspirada em uma observação pessoal e universal: ‘Apesar da longa distância, venho observando, com renovado entusiasmo, o desenvolvimento de seu espírito e do seu caminho traçado’ – escreve Schiller a Goethe em 23 de agosto de 1794”⁴.

Por que a *Psicologia Goethiana* faz referência às *Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade*⁵ de Schiller? O que essas Cartas têm de tão importante para Steiner nomear de *psicologia* (estudo da alma) do ponto de vista *goethiano* (abordagem metodológica)? Afinal, poderia ser chamada de *psicologia schilleriana*, pois Schiller é o autor delas. Mas é o próprio Steiner quem responde que seu conte-

3. Steiner, R. *Ensayos de Ética*. España: Editorial Rudolf Steiner. 1998. Título original: *Moral und Christentum* – Rudolf Steiner Verlag (Suíça), traduzido para o espanhol por Pilar Hortalano, p.44.

4. Idem, *ibidem*.

5. Schiller, F., *Cartas sobre a Educação Estética da Humanidade*. 2ª ed. São Paulo: E.P.U. (Editora Pedagógica Universitária). 1992. Título original em alemão: *Über die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen*, publicada pela primeira vez em 1794. Essa obra nasceu de uma série de cartas enviadas ao príncipe dinamarquês Friedrich Christian von Augustenburg (1765–1814), conhecido como Friedrich Christian II, Herzog von (duque de) Schleswig-Holstein-Sonderburg-Augustenburg, que lhe oferecera em 1791, durante o período de sua doença, por três anos, uma pensão de mil “taler” anuais. Desde 1793 Schiller redigiu as Cartas, mas devido ao incêndio no castelo de Christianburg em Copenhague, os originais foram queimados. Foi necessário que o próprio Schiller redigisse de novo, nos fins de 1794 e início de 1795, numa forma mais acadêmica, como se conhece hoje.

údo deve ser caracterizado de *psicologia goethiana*, a partir de uma observação pessoal e universal que Schiller faz a respeito de Goethe. O que os dois têm a ver entre si, além de morarem na mesma cidade? Por que é Schiller quem assume essa tarefa de abordar os impulsos humanos e sociais, de uma forma didática, magistral e acadêmica, baseando-se na metodologia dedutiva goethiana? Este relato de Goethe, expresso nos seus ensaios científicos, pode aclarar um pouco.

“A peculiaridade dessa situação se tornou evidente quando se avivaram minhas relações com Schiller. Nossas conversações eram sempre teóricas ou de argumento produtivo... Ele predicava o evangelho da liberdade e eu não queria que se menosprezassem os direitos da natureza. Talvez mais por amizade a mim do que por convicção própria, nas ‘Cartas sobre a educação estética do homem’, Schiller não tratou a boa Mãe (natureza) com a dureza de linguagem que me havia tornado tão odioso seu ensaio... Schiller se viu induzido a refletir muito mais intensamente, e é a esse conflito que devemos os ensaios... Deste modo, Schiller assentava as primeiras bases de toda a nova estética”⁶.

Está aí a explicação, relatada pelo próprio Goethe, do esforço que Schiller faz para assentar as bases da nova estética. O que isso significa?

Para quem não conhece, Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759 – 1805) foi poeta, autor dramático, historiador, filósofo e médico alemão. Nasceu em Marbach am Neckar (Württemberg), em 10 de novembro de 1759 e faleceu em Weimar, em 9 de maio de 1805. São famosas as suas obras: *A Donzela de Orleães*, *Os Bandoleiros*, *Dom Carlos*, *Maria Stuart*, *Guilherme Tell*, etc. Começou a estudar Direito e depois Medicina, exercendo o medíocre cargo de médico do Regimento do Duque Carlos Eugênio de Württemberg. Após o êxito de sua peça *Os Bandoleiros*, deserta da vida militar e vai buscar sua liberdade nas letras. Sem residência fixa e sempre em situação de extrema penúria financeira, até conhecer o duque Carlos Augusto de Weimar, de quem se torna conselheiro e por isso foi morar naquela cidade, onde também morava Goethe, ministro e amigo do duque. É assim que vêm a se conhecerem os dois monstros sagrados da literatura germânica.

6. Goethe, 2012, p.83 (tradução de Jacira Cardoso e apresentação/introdução deste autor).

E Johann Wolfrang von Goethe (1749 – 1832) é conhecido entre nós apenas como literato, poeta, dramaturgo, romancista e crítico alemão: o autor do *Fausto*. No entanto foi naturalista, cientista (desenvolveu estudos sobre Mineralogia, Osteologia, Óptica e Botânica) e exerceu, com rara eficiência, cargos públicos. Na parte científica resgatou a Metodologia Científica Dedutiva, a qual havia sido formulada por Aristóteles, para ser reconhecida como metodologia científica de validade universal – na edição brasileira deve-se recorrer ao livro *Ensaio Científico de Goethe*⁷. Rudolf Steiner foi o responsável direto pela compilação das obras literárias e científicas de Goethe e criou o título de método científico goethiano, que será apresentado adiante.

Com relação ao fato de ter sido Schiller a assumir a tarefa de acordar os impulsos humanos e sociais com base na metodologia dedutiva de Goethe, Steiner faz a seguinte suposição: a visita de Schiller a Goethe, por volta de 1794 ou 1795, uma vez que costumavam passear juntos na cidade de Weimar (Alemanha) e dialogar sobre seus estudos, trabalhos e projetos. Como havia certa disputa entre ambos, pois tinham temperamentos polares, um enriquecia o outro com comentários e críticas, como se pode constatar neste singelo comentário que Schiller faz a respeito de Goethe: “com que facilidade o seu gênio é sustentado pelo seu destino, e como eu tenho de lutar até este momento”⁸. Schiller deve ter mostrado suas *Cartas sobre a Educação Estética*, nas quais se esforça para entender os anseios humanos e por isso a sua pergunta sobre como as pessoas podem alcançar uma existência digna. Goethe deve ter também sugerido que Schiller usasse critérios bem precisos de observação e argumentação, num caminho dedutivo mediato, que ele nomeia de experiência de ordem superior, para chegar à ideia (conceito ou tese ou diagnóstico) dos fenômenos humano e social. Goethe também deve ter comentado sobre sua *urpflanze* (planta primordial) e recebeu de Schiller a lacônica resposta

7. Goethe, *Ensaio Científico*. São Paulo; AD Verbum e Barany, 2015.

8. Schiller, 1992, p.8

de que era uma ideia – nascendo aí a inspiração para Goethe desenvolver a metodologia científica dedutiva.⁹

A que se propõe essa nova estética de Schiller escrita em 1794? Por que não é conhecida até hoje? Ainda traz novidade ao ser humano moderno? Essas são as questões que pretendemos responder neste livro. Para isso um longo caminho será trilhado, buscando referências em vários parâmetros do conhecimento, mas tendo como pano de fundo a dialética *schilleriana*, a qual visualiza três forças presentes no ser humano que se relacionam com o organismo social (o mundo). Nas *Cartas*, Schiller aborda as duas tendências polares existentes no ser humano, as quais mostram impulsos próprios e inconciliáveis. Para um impulso não anular o outro, é preciso buscar o terceiro elemento, o impulso do meio, da equanimidade ou impulso do jogo. Nesse sentido ressalta a importância da educação ética para a formação do indivíduo, cujo objetivo é de se preparar para atuar moralmente no mundo. Também Aristóteles diz que “o homem é capaz de moralidade porque é capaz de educação. Mas a educação é possível somente no viver comum. Assim o homem é um ser moral justamente porque é um ser político”¹⁰ – por habitar a *polis*, a comunidade.

Ou seja, essa nova estética procura entender o ser humano e relacioná-lo ao organismo social (à *polis*, à sociedade), pois afinal como afirma o pai da Lógica, “certamente, não se pode imaginar um homem feliz na solidão, porque o homem nasceu para viver em comunidade”¹¹. Nesse mesmo sentido temos aquele antigo provérbio que diz: “assim como uma só andorinha ou um só dia não faz verão, igualmente um só dia ou um curto espaço de tempo não faz o homem beato e feliz”¹². Quem disse isso? O caboclo da roça? Não. Foi Aristóteles, o inaugurador do pensamento moderno. Por isso temos que entender o ser humano a partir desses dois pontos de vista (inte-

9. Mais comentários no livro *Ensaio Científico de Goethe*, citado na nota nº 7.

10. Aristóteles, 1991, p.4.

11. Aristóteles, [s.d.], p. 127.

12. Idem, p.42.

rior e exterior), pois afinal “o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos”¹³.

Schiller deve ter aproveitado outro viés de Goethe – seu lado artístico, através do qual tem seu espírito livre das amarras do intelecto e se entrega à criação como o brincar de uma criança – dessa observação Schiller chega ao *Impulso do Jogo* (ou Impulso lúdico): “O homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra; e somente é homem pleno quando joga”¹⁴.

Portanto, o objetivo deste livro é levantar os argumentos mediatos necessários para referendar esta nova terminologia - *Psicologia goethiana* - e, além disso, abordar a conquista da liberdade humana, pois só assim o ser humano pode tornar-se um ser moralmente produtivo na sociedade. Para isso, em primeiro lugar, é preciso entender o que significa Psicologia. É a ciência que aborda as duas vertentes humanas: funções psíquicas e comportamento social. Ou seja: indivíduo e meio ambiente. Platão foi o primeiro a afirmar que “há na cidade (*polis*) e na alma de cada indivíduo as mesmas partes e em número igual” [Rep. 441c]¹⁵, pois afinal “o homem é a medida de todas as coisas”, como sentencia Protágoras (450 a.C.). Por isso, ao se entender a alma humana poder-se-á compreender o mundo (e vice-versa); em outras palavras, repetindo mais uma vez a sentença de Goethe transcrita no começo do livro: “O ser humano só conhece a si mesmo na medida em que conhece o mundo”.

Nesse sentido, a Psicologia tem como objetivo primário a compreensão do indivíduo e, como objetivo final, o benefício geral da sociedade. Do indivíduo que se torna o centro da atenção, na conquista da liberdade, deve-se extrapolar para seu comportamento, como busca de adaptação ao meio em que vive. Como veremos, a Psicologia subdivide a psique (ou alma) em três membros: consciente, subconsciente e inconsciente (Ego – sentimento – id ou libido).

13. Idem, p. 23.

14. Schiller, 1992, p.92.

15. Platão, 1972, p. 201.

Também Schiller mostra o caráter *ternário* da alma humana ou dos três impulsos presentes no ser humano, os quais se consubstanciam no organismo social como *liberté – égalité – fraternité*, os três impulsos da Revolução Francesa, que vão tomar as feições na vida moderna como *liberalismo* (vida cultural-espiritual), *igualdade* (vida jurídico-política) e *fraternidade* (vida econômica).

Em segundo lugar, é válida a assertiva de Steiner ao apontar as *cartas schillerianas* como argumentos para se entender a psique, a alma humana, a partir de um ponto de vista totalmente novo, através da nova estética, pois intenta remetê-la à sua atuação no mundo. Como são três membros da alma, também serão três maneiras de atuar no mundo, através do *liberalismo*, da *democracia* e do *socialismo*¹⁶. Dessa maneira a intenção da *Psicologia Goethiana*, segundo as Cartas Estéticas de Schiller, é levar o ser humano a conquistar a sua liberdade, a conviver entre os seus e a atuar moralmente no mundo.

Portanto, vamos descortinar essa nova estética que se expressará tanto no ser humano como no organismo social.

16. Essas três maneiras de atuar no mundo, através do liberalismo, democracia e socialismo podem ser traduzidos como liberdade, igualdade e fraternidade, respectivamente. Pode-se entender assim: liberdade para a vida cultural (*liberalismo*), igualdade entre os homens perante as leis (*democracia* ou vida jurídico-política) e trabalhar fraternalmente para os outros (*socialismo* – trabalhar para o social).

CONFEDERAÇÃO DO RENO

“A consciência histórica
é a chave para uma
compreensão criativa do futuro”

ALEXANDER BOS

Antes de dar sequência ao tema, faz-se necessário abrir um parêntese para responder à pergunta anterior: por que essa nova estética de Schiller não é conhecida até hoje? Será preciso abrir a porta do passado histórico do *impulso trimembrado*, expresso nas Cartas de Schiller, que soprava desde a Revolução Francesa (1789), traduzido nas três famosas sentenças: *Liberté – Egalité – Fraternité*.

Este não foi um movimento isolado, mas está inserido num quadro de revoluções que se iniciaram na América do Norte (1770), difundindo-se para Inglaterra e Irlanda (1781 – 1782), Países Baixos (1783 – 1787), Bélgica (1787 – 1790), Gênova (1782) e finalmente França (1789), atingindo a região Renana da Alemanha (Confederação do Reno), Países Baixos (1795), Norte da Itália (1796) e Suíça (1798). A inspiração destas revoluções remonta a um movimento surgido no século XVII, denominado de *Iluminismo*¹⁷, movimento intelectual europeu, surgido na França, que se espalhou rapidamente pela Europa e Américas durante o século XVIII, o qual buscava um novo paradigma social àquele período que o precedeu, a Idade Média, denominado Idade das Trevas. Os *ideais iluministas* tiveram sérias implicações sócio-políticas, como o fim do colonialismo e do absolutismo. Esses ideais também marcam o início da Idade Contemporânea e lançam nova fase da História Mundial. Também no Brasil ocorreram Revoluções, conhecidas como Conjurações: Mi-

17. *Iluminismo*, conhecido como *Século das Luzes*, foi um movimento cultural da elite intelectual europeia do século XVII, cujo objetivo era reformar a sociedade a partir do conhecimento racional da natureza e do organismo social.

neira (1789), Carioca (1798), Baiana (1796), dos Suaçunas (1801) e Pernambucana (1817).

A Revolução iniciada na França em 1789 consolidou-se em 1799 com Napoleão, que a difundiu para o restante da Europa. O fim do Império Napoleônico, em 1815, não pôs fim à Revolução, que renasceu em 1830 e 1848 na França e em toda a Europa. Portanto, a Revolução Francesa foi apenas um reflexo de um grande movimento revolucionário do pensamento moderno que assolou todo o Ocidente. Napoleão conseguiu manter a paz no continente enquanto introduzia suas reformas, que foram os Códigos Civil, Comercial, Penal etc. Entretanto, a paz não foi duradoura. A vitória contra o Imperador Francisco II da Áustria e Alexandre I da Prússia, na Batalha de Austerlitz, permitiu que Bonaparte redesenhasse o mapa da Europa ao obrigar o Imperador austríaco a abdicar de seu título de Sacro Imperador; e assim o milenar Sacro Império Romano-Germânico foi extinto. Com isso, centenas de pequenos territórios austríacos perderam sua independência e foram incorporados a outros estados germânicos aliados de Napoleão, formando a *Confederação do Reno* (*Rheinbund* ou *Confédération du Rhin*), em 1806, integrada por 16 estados alemães. Mas a Prússia, ao se sentir ameaçada com o poder da França sobre os estados germânicos, membros da Confederação, declarou nova guerra.

Retomando nossa história, o mérito maior de Napoleão não se encontra nas guerras, mas no ambicioso projeto de constituir a *Confederação do Reno*. Para assegurar uma aliança com o Príncipe de Baden, foi arranjado um casamento entre os descendentes de ambos os soberanos com o objetivo de unir as duas dinastias. Foi escolhido o neto do Grão-Duque de Baden, Príncipe Karl (1786 – 1818) e a sua filha adotiva Stéphanie Louise Adrienne de Beauharnais (1789 – 1860), da família da sua esposa Josefina Beauharnais, uma vez que Napoleão não tinha herdeiros legítimos. Foi-lhe conferido o título de Princesse Française, com o tratamento de Alteza Imperial. O casamento foi celebrado em Paris no dia 8 de abril de 1806 e o casal foi

residir no Castelo de Schwetzingen, cidadezinha do estado de Baden-Württemberg. Tiveram 5 filhos, sendo a primeira Luisa de Baden. O segundo filho, primeiro de sexo masculino, nem chegou a ter nome e veio a falecer poucos dias depois (29 Set 1812 – 16 Out 1812). Assim relata a história oficial.

Surge agora, entretanto, algo enigmático e de grande repercussão inimaginável na história da Humanidade, que ficou conhecido como **Kaspar Hauser**¹⁸, um menino, supostamente com 16 anos de idade, que apareceu em uma praça pública de Nüremberg, sul da Alemanha, no dia 26 de maio de 1828, com apenas uma carta endereçada ao capitão da cidade, explicando parte da sua história. Após recuperar a linguagem e uma forma rudimentar de pensar, afirmava que havia passado toda a sua vida em uma masmorra, sem contato com humanos, sendo alimentado apenas com pão e água. Ficou conhecido para nós, brasileiros, através do consagrado diretor alemão Werner Herzog no filme de 1974: “O Enigma de Kaspar Hauser” (*Jeder für sich und Gott gegen alle* = Cada um por si e Deus contra todos).

Alguns historiadores tentaram relacionar Kaspar Hauser à dinastia de Baden, enquanto outros simplesmente o julgaram impostor. Interessa-nos a pergunta: a quem interessaria manter uma criança por tanto tempo prisioneira para depois soltá-la, uma vez que não teria a mínima condição de se expressar num idioma ou desenvolver o pensar lógico? Um crime dinástico a uma criança recém-nascida seria mais simples. Mas quem o prendeu por tanto tempo intentava destruir seu intelecto, seu pensamento, que deveria ficar fora do corpo, numa zona indeterminada, como um exilado do espírito. Só que ele surpreendeu a todos, pois conseguiu falar, se comunicar etc. Portanto, para seus algozes, esse experimento havia fracassado e deveria morrer. E foi o que aconteceu: Kaspar Hauser veio a falecer aos 21 anos.

Rudolf Steiner afirma que Kaspar Hauser teria uma importante missão para desempenhar e dele dependeria o futuro da Europa e

18. Tradowsky, P. *Kaspar Hauser – uma conspiración contra La unidad de Europa*. Madrid: Rudolf Steiner, 1980.

também do mundo moderno. Também seus raptos sabiam disso, tanto que o mantiveram em cárcere incomunicável desde tenra idade. Como ninguém sabia quem era e de onde vinha, ele foi chamado filho da Europa. Qual seria a missão desse menino, tendo como padrinho Napoleão Bonaparte, senhor supremo da Europa? O que ele poderia realizar caso chegasse à idade adulta?

Kaspar Hauser seria um príncipe, filho mais velho, segundo filho, primeiro de sexo masculino, de Stéphanie Adrienne von Beauharnais, filha adotiva de Napoleão, casada com Karl, grão-duque de Baden. Esse menino nascera saudável em 29 de setembro de 1812 e fora substituído por uma criança doente, filho do jardineiro que tinha dez filhos, por ordens da condessa de Hochberg (Luise Geyer von Geyerberg, 1768 – 1820), a segunda mulher do fundador da dinastia, Karl Friedrich von Baden (1728 – 1811), a qual queria que seu próprio filho mais velho, Leopold (1790 – 1852), herdasse o trono, o que efetivamente aconteceu em 1830.

Como Príncipe, deveria reunir em torno de si tudo o que vivia no espaço artístico-cultural criado por grandes personalidades, como Schiller, Goethe, Hölderlin, Herder etc. Só para citar dois aspectos que poderiam mudar o mundo: Goethe traçou novo caminho científico dedutivo, através dos seus *Ensaio Científico*, citado acima, e Schiller esboçou o Estado moderno humanizado - Organismo Social - baseado na compreensão dos impulsos humanos trimembrados - *Psicologia Goethiana* -, nas suas famosas cartas dirigidas ao seu benfeitor na Dinamarca, o Duque Charles Christian von Augustenburg, como veremos adiante. O que há de tão importante nessas *Cartas*, motivo deste livro? Elas nos remetem à trilogia da Revolução Francesa *liberté – égalité – fraternité* e seus desdobramentos. O que nos traduzem? Quais são seus impulsos? Schiller responde: “Seria o caso de esperarmos do Estado essa influência? Impossível, pois o Estado em sua forma presente originou o mal, e o Estado, como o concebeu em ideia a razão, não poderia fundar essa humanidade... Será necessário chamar extemporânea toda tentativa de tal modificação do Es-